

JOÃO BOSCO RABELLO

ESTADO DE SÃO PAULO

Sarney pode ir à convenção

O senador José Sarney trabalha com a expectativa de uma negativa do Supremo Tribunal Federal (STF), hoje, à pretensão do Partido Socialista Cristão (PSC), de reabrir o prazo de filiação partidária, que lhe possibilitaria concorrer à Presidência da República por uma das pequenas legendas. Se essa expectativa se confirmar, ele pensa em disputar contra Quércia na convenção do PMDB, dia 22, quantificando a seu favor a dissidência já registrada nas prévias em forma de abstenções.

Sarney está à vontade, como personagem ao qual qualquer opção diverte. Se a expectativa de um revés no STF fôr contrariada, é lucro; se mantida, ainda deixa ao ex-presidente um cenário extremamente otimista, como o eleitor mais importante da presente sucessão presidencial. As sondagens que fez junto a políticos e especialistas indicaram a Sarney que a tendência do STF é a de não interferir no prazo de filiação. Com a reserva de quem se curva à imprevisibilidade dos juízes, o ex-presidente se prepara para mais um lance de xadrez eleitoral.

O raciocínio de Sarney, é o de que a disputa contra Quércia só pode render-lhe lucros, na medida em que aumentará seu cacife político e não mais implica o risco de legitimar a candidatura do ex-governador de São Paulo. As prévias, que resultaram na derrota de Quércia por abstenção altíssima, já cuidaram de torná-la ilegítima, e exibir um cenário previsível: a insistência de Quércia na candidatura implode o PMDB, a exemplo de Maluf em 1984, quando gerou a aliança que elegeu Tancredo Neves e destruiu o PDS.

Sarney entraria, assim, na convenção, como dissidente a denunciar que os métodos de Quércia são fisiológicos. Informalmente, o ex-presidente tem se referido à performance do ex-governador não PMDB como resultante de uma estrutura sustentada por holerites. Trocando em miúdos, quer dizer que Quércia é hoje o Maluf de ontem. Um contexto que ele conhece bem e que recomenda comportamento semelhante ao de 84

que acabou levando-o à Presidência da República.

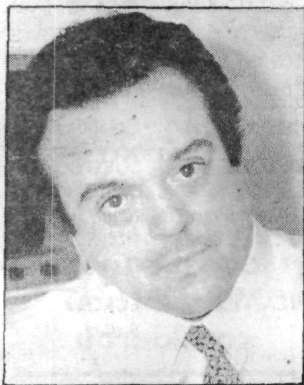
Se obtiver um razoável percentual do universo de votos dados em branco ou das abstenções registradas nas prévias — por exemplo, algo em torno de 20% —, Sarney estará apto a impor condições para apoiar a aliança em torno de Fernando Henrique Cardoso. É o que pretende o ex-presidente e é pelo que torce o candidato tucano, cuja expectativa é a de ter Sarney também em campanha, País afora, a dizer que o presente plano econômico é o cruzado que dará certo.

Duas constatações objetivas desenham este cenário: a primeira, de que o eleitor está muito menos incomodado com a aliança do PSDB com o PFL, do que os grupos dissidentes dentro desses partidos. A segunda, de que o Plano Cruzado não ficou registrado no inconsciente coletivo como uma derrota, mas como uma chance desperdiçada, um sonho que durou seis meses e transformou a vida de muitos brasileiros. Sarney, pois, é grande eleitor também aí.

Mesmo a possibilidade de uma decisão do STF pela prorrogação do prazo de filiação preocupa Sarney, por outro ângulo:

candidato por uma legenda pequena, seu tempo de TV seria insuficiente para responder aos ataques duríssimos que uma eventual candidatura sua provocaria, de todos os adversários ao mesmo tempo. É um dado aparentemente menor, mas de um efeito devastador numa campanha, capaz de gerar no eleitor a impressão de que falta ao candidato argumentos para livrar-se das acusações que lhes são feitas.

Se confirmado, esse desfecho pode abrir caminho para que Fernando Henrique elimine o buraco negro a que sua campanha está fadada até que o real produza os efeitos esperados, bem depois do dia 1º de julho. De um lado, Sarney; de outro, o ministro da Fazenda, Rubens Ricúpero, a aliança PSDB/PFL teria dois cabos eleitorais até que o candidato Fernando Henrique possa usufruir dos efeitos eleitorais de uma inflação zero.



■ João Bosco Rabello dirige a sucursal de Brasília

O eleitor está muito menos incomodado com a aliança do PSDB com o PFL, do que os dissidentes